

Lutas: Proposta pedagógica para alunos do ensino médio a partir da teoria crítico-superadora

Letícia Neofiti de Carvalho¹; Gabrielle Santos Madeira² e Mateus Camargo Pereira³

¹Instituto Federal de Ciência e Tecnologia, Campus Muzambinho – CeCAES, Muzambinho, MG. ¹leticianeofiti@yahoo.com.br; ²gabi.smadeira@gmail.com; ³matunicanp@gmail.com

Introdução

A Educação Física presente nas escolas tem uma característica voltada à prática desportiva, principalmente aos esportes coletivos como, por exemplo, o futebol, limitando a experiência e a vivência corporal e cultural do aluno. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), as demais áreas de estudo procuram aprofundar os conhecimentos dos alunos enquanto a Educação Física limita-se aos conhecidos fundamentos do jogo e esporte. O que muitos professores não vêem é que a educação física escolar apresenta inúmeros conteúdos importantes e que trazem um rico acervo cultural e histórico para proporcionar aos alunos, conhecimento este que é capaz de promover e ampliar a cultura corporal do movimento. Esta, segundo o Coletivo de Autores (1992), é todo o acervo de movimentos produzidos pelo ser humano ao longo da história, representados pelas lutas, esporte, jogos, ginástica, dança, capoeira etc. Ainda, segundo essa referência, ampliar as possibilidades de movimento humano na perspectiva da expressão corporal como forma de linguagem, concepção metodológica auto-intitulada crítico-superadora. Sendo assim, este trabalho surgiu com o intuito de apresentar uma nova proposta para aulas de Educação Física, utilizando do conteúdo lutas e da teoria crítico superadora para promover novas possibilidades de aprendizado baseado em fatos históricos, de realidade social, além de aspectos físicos e não somente o fazer pelo fazer. Buscamos assim, despertar o interesse não só pelas lutas, mas pelo acervo de conteúdos que compõem a disciplina de Educação Física.

Material e Métodos

O presente estudo foi realizado no Colégio Municipal Dr. José Vargas de Souza, situado na Avenida Champagnat, 668, no Centro da Cidade de Poços de Caldas – MG. Participaram do estudo 31 alunos do terceiro ano do Ensino Médio, sendo 12 do gênero masculino e 19 do gênero feminino. Os alunos possuíam idade entre 16 e 19

anos. Nenhum deles é portador de alguma necessidade especial. O período de realização das aulas foi de 21 de março a 11 de maio de 2012. O Colégio possui um campo de futebol, três quadras - sendo uma coberta e duas descobertas - um galpão para a realização de atividades e salão de jogos que foram disponibilizados para a prática de atividades quando disponíveis, pois são utilizados pelos demais professores. Além destes espaços foi utilizada a sala de aula e sala de vídeo para aplicação de algumas atividades, além dos seguintes materiais: notebook, data-show, caixas de som, lápis, caneta, papéis, retalhos de pano, câmera fotográfica, bancos de madeira, corda colchonetes e tatame de EVA.

Os procedimentos da pesquisa foram os seguintes:

- Foram elaboradas e aplicadas 10 aulas do conteúdo lutas a partir da teoria crítico-superadora, onde frisamos alguns aspectos como força, agilidade, além de cooperação e respeito ao próximo.
- Para participarem das aulas os alunos levaram aos pais um bilhete explicando o projeto e um termo de uso de imagem, para que eles assinassem consentindo o uso de imagem.
- Foram realizadas coletas de dados diversas ao longo do trabalho: a) na primeira aula utilizamos uma ficha de avaliação individual, a fim de detectar o conhecimento do aluno acerca do conteúdo abordado, o interesse sobre o assunto e as expectativas sobre as aulas que seriam realizadas; b) a partir da segunda aula fizemos as coletas através de vídeos, fotos e diários de campo relatando o ocorrido em cada aula; c) no decorrer das aulas utilizamos também como forma de avaliação trabalhos e exercícios sobre o conteúdo ministrado, constituindo mais um dado coletado. O resultado do trabalho constituiu no trabalho final de conclusão de curso.

Resultados e Discussão

A fim de identificar se era possível o ensino das lutas no Ensino Médio a partir da tendência crítico-superadora, fizemos uma análise através dos três eixos propostos pelo Coletivo de autores (1992): diagnóstico (referente a leitura dos dados da realidade), julgamento (o que deveria ser mudado) e transformação (onde se chegou), além de trabalhar dentro dos princípios curriculares do trato com o conhecimento.

1. Diagnóstico: Notamos um momento avaliativo de diagnóstico desde o início das aulas quando a fim de responder o questionário diagnóstico perguntamos aos alunos: “Vocês já praticaram algum tipo de lutas? Já ouviram falar, já viram em algum lugar alguma luta ou têm algum conhecimento sobre esse conteúdo?” A partir deste

questionamento detectamos que o conhecimento dos alunos acerca do conteúdo era restrito, como pode ser vistos em algumas falas: “Já vi na TV, já ouvi falar, mas nunca passei por nenhuma experiência com lutas”. “Não acho importante o trabalho de lutas na escola” ou ainda “já vi em filmes”. Ficou muito claro que além de conhecerem pouco sobre o conteúdo, eles acreditavam que as lutas serviriam apenas para trabalhar aspectos físicos, que não tinham muita importância, não havia compreensão de que outros aspectos poderiam ser trabalhados tais como: história, aspectos morais e de relevância social. Além disso, vimos que os alunos não entendiam que existiam vários tipos de luta, as diferenças de lutas de competição e das lutas como filosofia de vida, o que desde o principio nos instigou a trabalhar dentro dos princípios curriculares no trato com o conhecimento, neste caso, a contemporaneidade do conteúdo e a relevância social do mesmo. Pudemos apresentar as lutas de forma a trabalhar a importância dela dentro do ambiente em que eles se encontravam, além de falar sobre o que de mais moderno existe no mundo das lutas, o MMA, mais citado por eles durante as conversas.

Ao conhecer o que os alunos já traziam de conhecimento sobre o conteúdo e a visão que tinham sobre ele num primeiro momento, pudemos adequar as aulas a capacidade cognitiva do grupo, ou seja, consideramos o conhecimento inicial e procuramos introduzir e modificar esse conhecimento de modo que fosse mais rico e fizesse mais sentido dentro da realidade desses alunos. Segundo o Coletivo de Autores (1992), isto é de suma importância, pois oferece subsídios para a compreensão dos determinantes sócio-históricos do educando, particularmente a sua condição social.

Inicialmente, os alunos se encontravam retraídos, com certo estranhamento, pois éramos pessoas desconhecidas trazendo uma proposta jamais vista nas aulas. Procuramos então utilizar de um dos princípios das lutas, a cooperação e observamos que os alunos se apresentavam um pouco individualistas e infringiam as regras de certas atividades, buscando a vitória acima de tudo.

Ao apresentarmos o contexto histórico das lutas, vimos que era algo novo para eles, a contextualização do tema embora apresentasse um conteúdo de história da humanidade, não estava sistematizado, apresentava-se fragmentado. Vendo isso, procuramos iniciar a apresentação do histórico sempre vinculando as brincadeiras, trabalhando sempre de maneira espiralada, apresentando o conhecimento inicial, que ia se ampliando. Utilizamos de um misto de história e brincadeiras para que eles assimilassem de maneira mais fácil, afinal a brincadeira despertava emoções e com emoções os alunos aprendiam.

Além de questões como estas pudemos notar que durante as aulas, quando realizávamos alguns movimentos ou pedíamos que eles realizassem, havia entre eles certo receio de tocar uns nos outros, eles não tinham noção da força que poderiam empregar ao tocar um companheiro além de não terem nenhuma noção de partes mais sensíveis do corpo. Era como se eles não conhecessem o próprio corpo. Quando pedíamos aos alunos para se dividirem em duplas para a realização de alguma atividade, era notória a separação de gênero, meninas não faziam duplas com meninos da sala.

Durante a realização de trabalhos solicitados aos alunos notamos que havia certa dependência. Os alunos não conseguiam pegar o tema de um trabalho e conduzir uma pesquisa de forma independente, eles tinham dificuldade em elaborar um texto ou roteiro a ser seguido a fim de atingir o objetivo proposto. Podemos observar isto em falas como: “A gente não consegue fazer isso, não tem onde pesquisar, é muito difícil”.

Um fato que muito nos chamou atenção nos alunos é que além de todas essas características encontradas, a sala no geral, tinha consigo um sentimento de inferioridade, sentiam-se sempre diminuídos, incapazes, derrotados. Era como se tudo que propuséssemos fosse muito difícil pra eles ou estivesse muito além de suas capacidades.

2. Julgamento: Durante as aulas ministradas os alunos deixaram claro que o conteúdo era realmente muito novo para eles e que eles tinham um conhecimento restrito, acreditando que as lutas era algo que servia somente para aprimorar aspectos físicos e desconheciam seu real sentido. Varias atitudes e falas nos deixavam claro que havia uma extrema necessidade de mudança do grupo, de conhecer realmente o que poderia ser trabalhado e apresentar uma visão mais ampla acerca do conteúdo.

3. Transformação: Pudemos perceber que a apresentação desse novo conteúdo aos alunos gerou grandes curiosidades. Ao iniciar a conceituação de lutas e diferenciá-las de brigas já obtivemos uma assimilação desse novo conhecimento quando os alunos nos davam exemplos perguntando se estavam corretos: “Então as lutas são essas mostradas na TV e vistas nos vídeos, como forma de esporte, enquanto as brigas são essas que vemos nas ruas, sem nenhuma regra ou consideração com o outro?”

Ao solicitarmos em um questionário que diferenciassem lutas e brigas obtivemos respostas como: “Lutas hoje são como esporte e brigas são apenas agressões físicas”, ou ainda, “As lutas são um tipo de esporte que utiliza de métodos de ensino para que os alunos não se machuquem. Já a briga, as pessoas utilizam para bater, machucar, matar a outra, às vezes as pessoas acabam confundindo lutas e brigas.”

A compreensão dos conceitos de lutas e brigas, embora apresentada de forma simples, se mostrava presente, o que já desde o princípio possibilitou um maior envolvimento do grupo, que tinha a imagem de que as lutas era algo negativo, violento.

Ao mostrarmos vídeos de mulheres lutando e trabalhar aspectos das lutas durante as aulas, muitas meninas que diziam não conseguirem ou diziam que as lutas não eram para elas, acabaram se interessando e deixando a idéia de lado, as meninas passam a participar das aulas e desenvolver as atividades propostas.

Quando propusemos atividades de cooperação, percebemos alterações nos alunos, quando viram que tentar infringir as regras ou atuar de maneira indevida não levaria a atingir o objetivo.

Quando realizamos a primeira avaliação feita na forma de exercícios para que eles respondessem pudemos notar que o conhecimento apresentado até então sobre o contexto histórico apresentava-se muito fragmentado e superficial e optamos uma nova apresentação de trabalhos a fim de detectar melhor os conhecimentos obtidos.

Ao propormos um trabalho em que eles pudessem desenvolver o tema de forma mais independente e criativa pudemos notar grandes resultados. Os alunos já se encontravam mais desinibidos e conseguiram cumprir os objetivos esperados. Nos trabalhos apresentados os alunos puderam contribuir com o que tinham de melhor. Cada um utilizou de um conhecimento que tinha para auxiliar e o que inicialmente parecia uma tarefa quase impossível de ser realizada, ganhou novas formas.

O paradigma existente entre eles de que a luta trabalharia somente aspectos físicos foi quebrado. Os alunos passaram a compreender que não só a lutas, mais diversos outros esportes e conteúdos possuem uma história, tem um porquê de existir, o que antes não fazia sentido a eles.

No decorrer das aulas alguns medos foram deixados de lado. Vimos que os alunos que apresentavam certos medos em executar movimentos e machucar o companheiro desenvolveram uma maior segurança, uma maior confiança em si próprios, embora o período para trabalhar este aspecto tenha sido pouco.

Inicialmente havia uma separação de gênero que surgia naturalmente. Conseguimos notar alteração nesse quadro somente na ultima aula, quando proposta de realizar o trabalho misto foi apresentada de forma natural, mostrando que ambos os gêneros estariam em igual proporção.

Em relação ao sentimento de inferioridade que encontramos no grupo, promovemos algumas discussões sobre isso e sobre a importância deles acreditarem que

conseguiriam realizar as coisas usando como exemplo nossas próprias aulas. Porém, apesar de entenderem e até acreditarem na proposta obtinham alguns insucessos nas tentativas de mudanças e isso os frustrava muito. A própria realidade da escola e a forma como são tratados os levavam a concordarem com tudo o que lhes era falado.

Conclusões

A fim de cumprir com os objetivos propostos podemos concluir que há possibilidades do ensino das lutas no ambiente escolar através da tendência crítico-superadora. Além disso, pudemos estabelecer um diálogo entre as lutas e os conhecimentos necessários para uma condição física saudável.

O ensino das lutas na escola proporcionou aos alunos um conhecimento não só de aspectos físicos, mais de fatores históricos, antes não trabalhados nas aulas de educação física e totalmente desconhecidos para os alunos. A abordagem fez com que as lutas passassem a ser vistas de forma diferente. Através de conversas e falas citadas, pudemos notar que houve compreensão e aprendizado do grupo.

Não foram encontrados problemas ao ministrar o conteúdo no que tange ao aspecto físico do ambiente escolar nem falta de materiais. A variável que interferiu durante as aulas foi somente a atitude da professora da turma em alguns momentos, que acabava por minimizar nosso tempo de aula.

Sugerimos, para os próximos estudos que se desenvolva o conteúdo com um número maior de aulas, o que resultará em maiores benefícios e uma avaliação ainda mais aprimorada.

Referências Bibliográficas

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – Educação Física**. Brasília, 1997.